

CASSINO

Intervenção de HELENO BERNARDI

Apesar de ter funcionado por apenas treze anos, de 1933 a 1946, quando o presidente Dutra proibiu o jogo no país, o Cassino da Urca permanece no imaginário do brasileiro como um dos símbolos máximos do Rio de Janeiro enquanto *Cidade Maravilhosa*: um balneário solar, de extraordinária beleza natural, jovial e libertino, onde o carnaval, a alegria e a sensualidade pareciam imperar como reis absolutos. Considerado em sua época de glória como uma das melhores casas de shows do mundo, nos palcos e nos salões do Cassino, em suas luxuosas festas e camarotes, passaram astros e estrelas de porte internacional, como Carmen Miranda, Josephine Baker, Grande Otelo, Orson Welles... além da elite política e financeira do país. Getúlio Vargas, no auge do seu poder, era um habitué. Ao som da música e no ritmo dos corpos dançantes, fortunas mudavam de mão e intrigas palacianas eram sussurradas. Com pouco esforço podemos ouvir ainda o som das bandas e dos risos, do ranger dos talheres e do rodar dos vestidos, do girar das roletas. Podemos de alguma forma ainda intuir o brilho efêmero e também seu lado sombrio e corrupto. Todas essas imagens e ruídos faíscam diante de nós sintetizadas na tonelada de purpurina dourada (como um ouro falso e fácil, mas belo e capaz de encantar) despejadas pelo artista Heleno Bernardi nas ruínas que um dia foram o palco e o fosso dos músicos do salão principal do Cassino. Podemos avaliar a potência de uma obra de arte contemporânea por sua capacidade de construir e condensar em um único ou poucos objetos diversas camadas de sentidos. Deste ponto de vista, Cassino é uma obra especialmente potente. Apropriando-se de uma estratégia que lembra, por um lado, o trabalho de um arqueólogo, ou, por outro, de um mestre acupunturista, Heleno Bernardi, num só gesto, ativa dimensões temporais e espaciais do Cassino da Urca, local privilegiado dentro da história e do imaginário da cidade, do seu próprio corpo enquanto urbe, e vivifica, sublima, comenta e levanta questões críticas sobre as dimensões ambíguas e complexas de sua razão de ser e legado: fantasias, alegria e exploração do vício; desejo, sedução e abuso de poder; glamour, beleza e efemeridade dos tempos e dos corpos que em grande escala continuam a determinar, como um jogo de azar, sempre com cartas mais ou menos marcadas, os meandros secretos e o destino de nossa sociedade. É também interessante que esta espécie de acerto de contas com o *espírito do lugar* se dê, como última atividade no que hoje chamamos de *ruínas do Cassino da Urca*, antes da restauração completa do prédio (mantendo suas características arquitetônicas originais), e consequente retorno efetivo e simbólico ao uso dos cariocas.

Renato Rezende